

Migração e Interseccionalidade: desafios em pesquisas com mulheres migrantes e usos de tecnologias digitais

Migración e Interseccionalidad: desafíos en la investigación con mujeres migrantes y usos de las tecnologías digitales

Migration and intersectionality: challenges in research with migrant women and uses of digital technologies

**SIMONE MUNIR DAHLEH¹, LUIZA DIAS DE OLIVEIRA²,
LILIANE DUTRA BRIGNOL³**

Resumo: O artigo reflete sobre a perspectiva da interseccionalidade, relacionando-a com a questão migratória, a partir da trajetória de pesquisas que trabalham com mulheres. Além de abordar a interseccionalidade teoricamente, são trazidas duas investigações em andamento que buscam compreender as dinâmicas de usos sociais de tecnologias digitais por mulheres migrantes, que têm suas experiências atravessadas por distintos eixos de subordinação, muitas vezes combinados na manutenção de regimes de opressão. Assim, compreendemos como necessária a incorporação da interseccionalidade nas pesquisas em Comunicação, para atentar às formas de poder perpetuadas nas mídias, a necessidade de posicionamento contra desigualdades e a responsabilidade com as representações nos ambientes online.

¹ Doutoranda e mestre (2020) em Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. simonemunird@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8192-1925>

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria e mestre (2019) em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. diasoliveira.luiza@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4863-1982>

³ Doutora (2010) e mestre (2004) em Ciências da Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. liliiane.brignol@uol.com.br - Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7323-038X>

Palavra-chave: Interseccionalidade; Migração; Tecnologias digitais; Mulheres.

Resumen: El artículo reflexiona sobre la perspectiva de la interseccionalidad, relacionándola con la cuestión migratoria, a partir de la trayectoria de investigaciones que trabajan con mujeres. Además de abordar teóricamente la interseccionalidad, se presentan dos investigaciones en curso que buscan comprender la dinámica de los usos sociales de las tecnologías digitales por parte de las mujeres migrantes, quienes tienen sus experiencias atravesadas por diferentes ejes de subordinación, muchas veces combinados en el mantenimiento de regímenes de opresión. Así, entendemos que es necesaria la incorporación de la interseccionalidad en la investigación de la Comunicación, para dar respuesta a las formas de poder perpetuadas en los medios, la necesidad de un posicionamiento frente a las desigualdades y la responsabilidad por las representaciones en la ambientalidad online.

Palabras clave: Interseccionalidad; Migración; Tecnologías digitales; Mujeres.

Abstract: The article reflects on the perspective of intersectionality, and relate it to the matter of migration, based on the trajectory of research with women. In addition to the theoretical approach intersectionality, two ongoing investigations are presented, that seek to understand the dynamics of migrant women's social use of digital technologies, who have their experiences crossed by different axis of subordination, often combined in the maintenance of regimes of oppression. Thus, we understand that the incorporation of intersectionality in Communication research is necessary, to pay attention to the forms of power perpetuated in the media, the need to take a stand against inequalities and responsibility with representations in online environments.

Keywords: Intersectionality; Migration; Digital technologies; Women.

Introdução

O termo interseccionalidade foi usado pela primeira vez pela jurista americana negra Kimberlé W. Crenshaw, em 1989. Apesar de ter ganho mais repercussão no âmbito acadêmico e social a partir dos anos 2000, sua problemática remete ao Feminismo Negro, do final dos anos 1970, impulsionado pelos movimentos sociais desde o século anterior. Nesse sentido, buscamos discutir sobre como as múltiplas dimensões das interseccionalidades, sobretudo de gênero, de classe, migratória, étnica, questões raciais, religiosas, de orientação sexual, de nacionalidade e condição

de cidadania, impactam pesquisas sobre as apropriações/usos de tecnologias digitais por mulheres migrantes. O objetivo do texto é refletir sobre a centralidade do fenômeno interseccional nas migrações femininas a partir de duas pesquisas em desenvolvimento.

Como ponto de partida, é preciso demarcar o nosso lugar enquanto pesquisadoras. Fernanda Carrera (2021) propõe pensar no conceito de roleta interseccional para observar as análises em comunicação. Para a autora, "há o momento necessário de demarcação do *locus* de enunciação ou lugar de fala do pesquisador, questionando os limites da trajetória pessoal que podem regular os resultados das suas análises" (CARRERA, 2021, p. 8). Isso significa que o pesquisador ou a pesquisadora deve compreender e estar ciente de suas limitações, entendendo seu contexto e seu lugar de enunciação.

Portanto, salientamos que o artigo é escrito por três pesquisadoras brancas, inseridas em um ambiente universitário e, consequentemente, em lugar de privilégio nas “avenidas identitárias” (CRENSHAW, 2002). Conscientes do desafio que nos propomos ao discutir as interseccionalidades, buscamos abordar a temática de modo a apresentar uma discussão teórica e metodológica, relacionando a questão com o tema das migrações contemporâneas, a partir de objetos de pesquisa construídos em torno de duas teses de Doutorado em Comunicação em andamento. A primeira pesquisa aborda os usos sociais das tecnologias digitais por mulheres migrantes brasileiras nos Estados Unidos, a partir de mediações interseccionais, baseadas nas concepções propostas por Martín-Barbero (2009, 2018a, 2018b). A segunda pesquisa busca compreender, por meio dos relatos biográficos, como mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil usam as tecnologias digitais, com base, sobretudo, na perspectiva de táticas de Michel de Certeau (1998).

Organizamos nossa estrutura em quatro partes. Logo após esta abertura, trazemos uma discussão teórico-metodológica acerca da interseccionalidade e das migrações, pensando em articulações empíricas da questão da interseccionalidade com os estudos com mulheres. Em seguida, apresentamos as duas teses em andamento e o modo como propomos construir o desenho das pesquisas. Finalizamos trazendo algumas considerações sobre como podemos fazer avançar este campo de estudos a partir de uma perspectiva interseccional.

Migração feminina e interseccionalidade

Nesta seção, abordamos a articulação entre a interseccionalidade, a questão migratória e gênero. Inicialmente, trazemos para o debate o eixo migração-gênero no campo da Comunicação. Para tal, partimos das concepções de Denise Cogo (2017). A autora afirma que pensar a relação gênero-migração é recente no âmbito das teorias migratórias, “no qual as dinâmicas de feminização das migrações internacionais passam a assumir centralidade” (2017, p. 181). Saskia Sassen (2004) nos instiga a compreender as migrações como relações dinâmicas e complexas que envolvem condições econômicas, sociais e políticas. Sassen atenta para dois aspectos específicos em sua pesquisa: a relação do tráfico de pessoas nos processos migratórios e os aspectos laborais que as mulheres migrantes passam a ocupar nestes países. A autora destaca a necessidade de observarmos as mulheres como atores-chaves no processo de globalização e migração.

Carolina Rosas (2013) aponta para a complexidade dos estudos de gênero e migração e a necessidade de incluir os homens nas análises de gênero. A exclusão dos homens nessa perspectiva de estudos reflete sobre as migrações femininas e nas políticas públicas como um todo, o que dificulta a igualdade de gênero e o combate à violência e exploração de mulheres, migrantes ou não migrantes.

Pensar sobre as variadas dinâmicas das migrações femininas é um ponto central do artigo. Buscamos ir além da visão masculina das migrações ou da observação das mulheres apenas como acompanhantes de figuras masculinas nos processos migratórios. É preciso observar de que modo a exploração e dominação afetam a vida das mulheres.

A partir dessas reflexões, nos aprofundamos um pouco mais na teoria da interseccionalidade. Crenshaw teorizou a interseccionalidade como:

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Conforme a autora, esses eixos de opressão ou de poder podem ser vistos como avenidas. Esses eixos, bem como avenidas, se cruzam, criando diferentes intersecções, que podem ser simultâneas de gênero, raça, classe, orientação sexual, nacionalidade, etc. Helena Hirata (2014) atenta para o fato

de que devemos enxergar o todo complexo que envolve as relações sociais, e não categorizar as opressões em níveis.

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) dedicaram uma obra inteira para a interseccionalidade. Para as autoras, tanto a concepção, quanto os usos da interseccionalidade, são heterogêneos. Além disso, elas propõem a necessidade de enxergar as situações com lentes plurifocais, ou seja, enxergando as diferentes desigualdades sociais. “*O domínio interpessoal do poder* refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 28, grifo das autoras). Assim, o olhar interseccional busca compreender essas diferenças, as experiências individuais, complexificadas no entrecruzamento de diferentes categorias.

Carla Akotirene (2019, p. 14) complementa que o racismo, o capitalismo e o cis-heteropatriarcado são formadores de avenidas identitárias, com cruzamentos de diversas categorias, como raça, gênero e classe. Akotirene tem como foco a vivência das mulheres negras latino-americanas. A autora traz a teoria para o contexto nacional, levando em consideração a situação colonial do Brasil.

Ainda, é importante salientar que consideramos a interseccionalidade como relacional ao contexto, sempre em comparação a outros. Interseccionalidade é perceber como diferentes mulheres estão situadas em diversos e desiguais contextos. Segundo Carrera et al (2022), um estudo interseccional necessita de métodos comparativos. Desse modo, a pesquisa aponta que é preciso observar como cada elemento de identidade se relaciona e dialoga com outras estruturas.

Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015) falam de “opressões cruzadas”. Mulheres vivem em diferentes “avenidas identitárias”, onde estes cruzamentos se encontram. Um estudo interseccional não se preocupa apenas com as diferenças, mas também com a forma como as opressões e os privilégios se relacionam nas estruturas sociais. Como apontam Carrera et al (2022), ainda que em sua base teórica os estudos sobre interseccionalidade flexionam em maior grau as questões de gênero e raça, as investigações não precisam se restringir a estas duas unidades.

No que diz respeito às pesquisas sobre migrações e interseccionalidades, buscamos trazer algumas referências que consideramos fundamentais para orientar nosso percurso. Dentre elas, a pesquisa de Adriana Piscitelli (2008) traz um panorama teórico e dados empíricos que abordam o mercado do sexo

e as relações matrimoniais em países do norte global. A autora apresenta como as mulheres latinas são vistas em países europeus, os estereótipos criados sobre elas e de que forma elas se apropriam desses estereótipos para ascender socialmente. Conforme a pesquisadora, é preciso atentar para o fato de que, apesar das recriações de “imagens racializadas e sexualizadas vinculadas a estilos de feminilidade brasileiros” (PISCITELLI, 2008, p. 270), essas imigrantes não fazem parte de um grupo homogêneo nos países de origem e destino, ou seja, cada uma se encontra em um determinado lugar no entrecruzamento de opressões.

Outra pesquisa referida é a de Sònia Parella e Liliana Reyes (2019). As autoras realizaram uma etnografia na cidade de Nova Iorque, com mulheres vindas da cidade de Puebla, no México, e que residem nos EUA sem documentação. Na investigação, as interlocutoras possuem diferentes faixas etárias, empregos/escolaridade, situação familiar (se residem com a família ou sozinhas), fluência no inglês e tempo de residência nos EUA. Para as pesquisadoras, o viés interseccional é essencial nos estudos sobre gênero e migrações no contexto atual, já que busca abordar os sistemas de discriminação e as “múltiplas dimensões da identidade” (PARELLA; REYES, 2019, p. 86).

Assim como na pesquisa de Piscitelli, as pesquisadoras apresentam a heterogeneidade das intersecções, reforçando a ideia de que as categorias não devem ser somadas, mas articuladas entre si. Colocar em foco essas opressões proporciona uma visão que leva em conta as experiências e práticas pessoais. Para além disso, garante a observação de questões macro e microssociológicas, quer dizer, é possível analisar tanto as desigualdades enfrentadas individualmente, quanto os sistemas que garantem a permanência dessas desigualdades. Desta forma, a interseccionalidade é um “elemento central da estratificação social e da percepção que situa todos os indivíduos na interação de diferentes eixos de poder hierarquicamente estabelecidos” (PARELLA; REYES, 2019, p. 90-91, tradução nossa).

A articulação de poder envolve invariavelmente as tecnologias digitais. Para Mohammed ElHajji e Camila Escudero (2018), o advento da internet e das comunicações sem fio modificou o comunicar, afetando as esferas econômica, social e, também, tecnológica. No contexto das migrações, a internet proporciona espaços transnacionais em que há uma conexão entre diferentes culturas. Percebe-se, portanto, um papel central das tecnologias digitais nos movimentos migratórios, seja para a criação de redes no local de destino, seja

para a manutenção de laços no país de origem. Estudar esses usos delineia a própria experiência da migração.

Como salientam Safiya Umoja Noble e Brendesha Tynes (2016), analisar os estudos de internet pela lente interseccional nos proporciona enxergar contranarrativas em campos em que estão inseridas questões de informação e tecnologias. Fernanda Carrera et al (2022) atentam para a importância da problematização das plataformas digitais pelo viés interseccional, que contribuiria para a responsabilidade das construções que se produzem nas mídias, visando a não perpetuação das desigualdades e exclusões sociais.

As ideologias impostas nos ambientes online afetam e são afetadas pelo ambiente off-line. As tecnologias digitais criam e retém as ideologias nascidas de crenças físicas, temporais e sociais (NOBLE; TYNES, 2016, tradução nossa). Ao considerar o caso da Palestina, por exemplo, embora a internet possa conferir uma sensação de empoderamento e autonomia, como salienta Miriyam Aouragh (2011), muitas vezes, isso permanece somente no universo online. Por isso, as noções de espaço, lugar e tempo devem ser observadas de modo cuidadoso quando se dirigem aos palestinos.

Inferimos, portanto, que é essencial pensar a interseccionalidade no contexto migratório de mulheres, já que a mobilidade aciona diferentes eixos de poder, que interferem na experiência subjetiva de cada migrante. Essas intersecções implicam e estão implicadas nas construções das formas de reconhecimento das mulheres migrantes. Não devemos ficar limitados às intersecções de gênero, raça e classe, já que existem outras categorias que atravessam a experiência migratória. Além disso, a análise mais abrangente traz uma maior compreensão dos mecanismos acionados no combate aos estigmas e, da mesma forma, nas apropriações estratégicas (ou táticas) dos estereótipos.

Aplicações teórico-metodológicas da interseccionalidade em pesquisas da Comunicação

Ambas as pesquisas que serão apresentadas tiveram início em março de 2020, quando as pesquisadoras ingressaram no Doutorado. Em comum, fundamentam-se em uma perspectiva crítica dos estudos da Comunicação, com uma aproximação à perspectiva dos estudos culturais, e buscam avançar nas reflexões sobre usos sociais de tecnologias digitais no contexto migratório.

Aqui, as tecnologias digitais se tornam peça central na migração. No contexto migratório, elas têm um papel tanto na produção, quanto no consumo dos meios, o que facilita o contato com pessoas que ficaram no país de nascimento e na criação de novas redes no país de migração. Neste sentido, os migrantes podem se tornar os próprios narradores das suas trajetórias, encontrando espaço e se valendo das tecnologias digitais. Se tratando de uma sociedade plataformizada (VAN DIJCK; 2017), é imperioso levar em consideração questões como as lógicas algorítmicas e do próprio acesso.

A seguir, apresentamos as pesquisas em andamento, o modo de articulação entre as questões de interseccionalidade, migração e comunicação e como buscamos orientar os principais aspectos teóricos e metodológicos dos estudos, com o objetivo de refletir sobre a centralidade do fenômeno interseccional nas migrações femininas.

Usos sociais das mídias e os mapas das mediações no estudo da migração de mulheres brasileiras para os EUA

Nesta pesquisa o objetivo geral é compreender como as interseccionalidades de gênero, raça, classe, nacionalidade e competências culturais (como escolaridade, condição de cidadania e fluência no inglês) medeiam os usos sociais de tecnologias digitais por mulheres migrantes brasileiras que residem nos Estados Unidos. Partimos dos mapas das mediações de Martín-Barbero, analisando como algumas mediações são acionadas - principalmente, a mediação de identidade, aqui compreendida pelas interseccionalidades.

A inserção em campo começou em maio de 2022, com a observação e contato com mulheres com contas na rede social digital Instagram. Decidimos manter as observações apenas das contas das mulheres que autorizaram. Até o momento, mantemos contato com quatro migrantes: Angela, Patricia, Carla e Djamila (foram estabelecidos nomes fictícios para preservar a identidade das interlocutoras). Dessas quatro participantes, uma delas trabalha com a monetização do conteúdo produzido na sua conta de Instagram, ou seja, ela é uma *influencer* ou influenciadora (ÁVILA, 2022), produzindo conteúdo sobre migração e sendo remunerada por isso. As demais interlocutoras fazem usos pessoais da rede social digital.

A descoberta sobre a produção de conteúdo a respeito da migração foi um achado do período de inserção no campo. De início, buscamos contas a partir de indicação de outras pessoas. Depois, o próprio algoritmo do Instagram

começou a mostrar contas de mulheres brasileiras que haviam migrado para os EUA. Encontrar este conteúdo proporcionou um novo caminho para a pesquisa, já que, pela primeira vez, nos deparamos com o que viemos a chamar de *migrantes influencers*. O nome foi escolhido porque essas mulheres trabalham criando um conteúdo específico sobre a migração, como a rotina no novo país, o processo migratório, a documentação, gastos iniciais, compras de mercado, lojas, viagens e passeios.

Entre os achados empíricos, apresentamos reflexões sobre a observação e entrevista realizadas com Angela e Djamila. Angela é uma *migrante influencer*, nascida no Rio de Janeiro, e que reside em Los Angeles. Ela é uma mulher negra, de 34 anos, formada em Moda e que, atualmente, trabalha como paralegal, uma espécie de assistente de advogado. Ela é casada com um norte-americano e tem uma filha de um ano. Angela migrou para os EUA em 2016, com visto de estudante. Posteriormente ao casamento, obteve a cidadania estadunidense.

O perfil no Instagram de Angela ficou conhecido depois de uma denúncia feita de um caso de racismo que sofreu no TikTok. Casada com um homem branco e mãe de uma bebê branca, ela foi insultada por conta do relacionamento interracial, além de ter sido considerada a babá da filha nos vídeos que postava. Angela fez um vídeo no Instagram com uma carta aberta para a filha, falando sobre racismo. A postagem viralizou e ela concedeu entrevistas sobre o assunto para diferentes veículos de imprensa. Foi nesse período que começou a ter o perfil divulgado e a ser seguida de forma mais ampla. Hoje, seu perfil tem 163 mil seguidores⁴.

A postagem com a carta aberta, postada em 16 de junho de 2022, recebeu 633 comentários. Percebe-se como a intersecção de raça aparece, na medida em que o próprio discurso de Angela aciona palavras como “racismo escancarado”. No vídeo, aparecem comentários racistas direcionados a ela e à sua filha. Enquanto existe a possibilidade de Angela responder aos comentários racistas e ter apoio dos seguidores, também fica evidente o ataque à *influencer*. A possibilidade de anonimato, e o fato de a comunicação ser mediada por um aparelho tecnológico surgem como facilitadores para a disseminação do discurso racista.

Também conversamos com algumas mulheres que fazem usos pessoais de suas contas no Instagram. Algumas possuem o perfil restrito, ou seja, apenas

⁴ Os dados das redes sociais digitais das interlocutoras são referentes a 7 de maio de 2023.

os seguidores podem ver os conteúdos. Outras têm contas abertas, assim, todos podem ver as postagens e *stories*⁵. Djamila, por exemplo, é uma mulher branca de 35 anos. Nasceu em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. É formada em Publicidade e Propaganda e trabalha como *freelancer* nos Estados Unidos. Migrou para o país em dezembro de 2020 junto com a esposa, também brasileira, que foi fazer uma pós-graduação. Tem o perfil do Instagram aberto, com 1.058 seguidores e 1.140 postagens. Como realiza trabalhos para clientes brasileiros e norte-americanos, depende da tecnologia para a comunicação interpessoal e para o trabalho.

Em 2022, Djamila fez 19 postagens. São fotos suas, com a esposa, em passeios pelos Estados Unidos, em shows e sobre as eleições presidenciais de 2022. No conteúdo produzido, fica evidente a posição político-ideológica de Djamila, com fotos, legendas e *hashtags*⁶. Apesar de não acionar questões de orientação sexual por texto, há diversas fotos com dedicatórias para a esposa, além de objetos que aparecem nas fotos com as cores que identificam a bandeira LGBTQIA+. A interlocutora, apesar de ter o perfil aberto, afirma não ter nenhuma experiência negativa no aplicativo.

Nos dois casos, buscamos mostrar como as intersecções são percebidas nos usos da rede social digital Instagram. Enquanto partes da identidade dessas mulheres, essas categorias estão inseridas nos seus usos. Desta forma, assim como existe um acolhimento e identificação entre mulheres, há também casos de racismo e preconceito. Enquanto a categoria de gênero é comum a todas as interlocutoras da pesquisa, outros entrecruzamentos diferenciam a experiência particular de cada uma. Em um dos casos apresentados, a questão das vivências da negritude se integram à forma como as apropriações, recepção e circulação acontecem.

De forma a ampliar a discussão, pretendemos seguir a observação dos perfis mencionados e fazer mais entrevistas. Buscamos trazer mais diversidade para a pesquisa, a fim de compreender como as diferentes interseccionalidades afetam os usos das tecnologias digitais e a experiência da migração. As entrevistas, em um segundo momento, servem para aprofundar questões encontradas na observação, as percepções das interlocutoras, além de ser um momento para elas narrarem as suas experiências.

⁵ Stories são postagens que duram apenas 24 horas. Elas podem ser tanto em vídeo, quanto em foto.

⁶ Hashtags são palavras precedidas do símbolo #.

Usos táticos das tecnologias digitais por mulheres palestinas no Brasil

Nesta pesquisa buscamos analisar as táticas micropolíticas realizadas através das tecnologias digitais por mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil. A linha condutora está embasada nos escritos de De Certeau (1998), sobre as questões das políticas cotidianas de intervenção dos sujeitos comuns. Por meio do trabalho do autor, buscamos compreender as táticas utilizadas pelas mulheres para adaptação, convivência, articulação social, política e as mediações de gênero. Por tática, entendemos como as ações dos sujeitos comuns realizadas no cotidiano e que são capazes de subverter a configuração cultural instaurada.

Como metodologia, utilizamos os relatos biográficos, inspirados nos escritos de Leonor Arfuch (2010). Para Arfuch (p. 24), os ‘métodos biográficos’ interessam-se na voz e na experiência, com uma obsessão na memória dos sujeitos. Esse método, em nosso caso, requer a realização de entrevistas em profundidade, observação atenta aos usos das tecnologias digitais e coleta de *prints*, fotografias e diário descriptivo (PLUMMER, 2001). No diário, buscamos observar durante uma semana os usos das tecnologias digitais e do cotidiano da mulher. Por meio dele, pretendemos captar as nuances interseccionais que podem aparecer em sua construção, como a rotina da mulher, se inclui trabalho fora/dentro de casa, lazer, tempo disponível para uso das tecnologias digitais, os tipos de usos feitos, o consumo, etc.

Levamos em conta neste trabalho dois aspectos dos estudos interseccionais. Primeiro, a pesquisa precisa ter um caráter relacional, o cotidiano, com seus enfrentamentos, está sempre em relação a outros fatores, articulando-se com vários contextos e tensionamentos interseccionais. O segundo aspecto é o caráter comparativo. Sem comparar as situações que rodeiam os contextos, não seria possível enxergar as interseccionalidades (CARRERA et al, 2022).

Buscamos aplicar as técnicas de pesquisa com mulheres em diferentes situações sociais, justamente para abranger os aspectos de comparação e relação. Até o momento, foram realizadas três entrevistas, com retorno de dois diários descriptivos⁷. Com o desenvolvimento das técnicas, percebemos questões de classe, migratória, étnicas e religiosas afetando a vida das

⁷ Até o momento de escrita do artigo (maio do ano de 2023), uma interlocutora não havia concluído a atividade do diário descriptivo.

interlocutoras. Nossas interlocutoras são Sabah, Hanin e Amanda (nomes fictícios para preservar o anonimato). Todas residem no Rio Grande do Sul.

Sabah tem 43 anos e é nascida em Jerusalém. Veio para o Brasil aos 24 anos, logo após conhecer o marido na Palestina. Assim que conheceu o marido - por intermédio da sogra e da mãe - casou-se e se mudou para o Brasil, local onde o marido já morava. Atualmente, reside em Santana do Livramento, e possui um filho. Usa o *hijabe*⁸. Hanin tem 43 anos, nasceu no Brasil e possui descendência palestina por parte dos pais. Hanin mora em Santana do Livramento, é casada com um jordaniano e tem três filhos. Também usa o *hijabe* em seu cotidiano. Amanda tem 18 anos, nasceu no Brasil e possui descendência palestina por parte do pai. Sua mãe é jordaniana. Atualmente, reside em São Sepé. Amanda é solteira e não possui filhos. Não usa o *hijabe*.

Aplicando as entrevistas e analisando seus diários descritivos, podemos apontar alguns achados que indicam pistas interseccionais. Considerando suas rotinas e ações descritas, de jantar fora com frequência, ter comércio próprio (Sabah), possuir hotel e viajar com frequência (Hanin), ter uma viagem internacional marcada e pelo ambiente observado no momento da entrevista online (Amanda), podemos afirmar que as interlocutoras possuem uma condição social favorável. As três possuem instrução acadêmica, Sabah e Hanin trancaram cursos de graduação após fazer metade do curso. Amanda concluiu o ensino médio e passou em uma faculdade, mas trancou devido a uma viagem marcada para a Jordânia. As três interlocutoras descrevem casos isolados de preconceito com relação a suas etnias, entretanto, todas afirmam que conseguiram contornar a situação. Hanin é a mais contundente ao afirmar que sua condição social elevada e seu grau de conhecimento lhe atribui privilégios que não deixam ela se sentir afetada pelo preconceito ou xenofobia, mas destaca como outras mulheres muçulmanas com uma condição desigual são afetadas:

Já vi muita gente que no final teve que tirar o hijabe. Por isso, eu te digo: quando falam que a gente vive em um país livre, é mentira! Se fossem livres, as minhas irmãs muçulmanas não teriam que arrancar os lenços de suas cabeças [...], elas têm que arrancar o lenço porque elas chegaram no limite que se elas não arrancarem, elas vão morrer de fome, [...] não conseguem emprego, porque sofreram ataques e agressões... de tentarem arrancar na 25 de Março [via pública de comércio em São Paulo], em uma condução. Então, sim, eu preciso falar que eu não tenho propriedade para falar sobre discriminação, sobre preconceito, porque eu não consigo deixar as pessoas fazerem isso comigo. (Hanin).

⁸ Vestimenta muçulmana que cobre a cabeça da mulher com um lenço.

A religião é destacada nos três relatos. Sabah se considera religiosa, mas diz que deveria ser mais. Amanda diz seguir os princípios de sua religião, mas não se considera 100% religiosa, pois não usa o *hijabe*. Hanin se considera religiosa e procura passar os ensinamentos da religião para os filhos e para as outras pessoas. Ela tem um perfil no Instagram dedicado a difundir o Islã. O perfil tem mais de 5 mil seguidores, e seu vídeo mais reproduzido até o momento chegou a mais de 98 mil visualizações⁹. Antes de criar o perfil, a interlocutora oferecia cursos presenciais destinados a ensinar a religião. Acredita que o perfil contribui para a expansão de suas ideias, tanto que já foi convidada para diversos eventos e *podcasts* para relatar seus conhecimentos, principalmente associados à religião.

Sabah acredita que o senso comum possui uma visão distorcida das mulheres palestinas, e ela também crê que a maioria das mulheres palestinas estão sendo protegidas e tratadas com zelo. Além disso, considera a inclusão e o acesso às redes sociais digitais como algo positivo, que aumentou a consciência dos palestinos. Em suas palavras:

A mulher, se usa lenço, não está sendo abusada. [...] A maioria da gente [mulheres palestinas] está sendo tratada como uma rainha. Tem casos e casos. Tem umas que realmente sofrem..., mas a maioria, hoje, tem mente aberta, entrou nas redes sociais... (Sabah).

Enquanto Sabah acredita que a maioria das mulheres muçulmanas são tratadas como “rainhas”, Hanin já possui uma visão mais crítica com relação às diversas desigualdades que as mulheres muçulmanas são afetadas. Entretanto, Sabah e Hanin acreditam que usar o *hijabe* as protege e as liberta. Amanda diz sofrer uma pressão por parte da sociedade e de seus familiares para usar o *hijabe*, mas comenta que é uma escolha usar, e não uma obrigação.

As três interlocutoras fazem usos das tecnologias digitais de modo incorporado, corporificado e cotidiano, como aponta Hine (2020). A internet é utilizada em seus cotidianos para contato com amigos e familiares, para jogos de lazer, para registrar momentos, pagar contas, consumir bens, se informar. Hanin se diferencia ao fazer um uso mais atuante e político, já que usa o Instagram para divulgar a religião e outros assuntos pertinentes da Palestina. Apesar de relatar que seu foco é a religião, diz não conseguir não se envolver quando ocorre algo marcante na Palestina e geralmente produz e compartilha em seu perfil público o conteúdo.

⁹ Dados referente a 7 de maio de 2023.

Pensando no conceito de táticas como ações vindas do interior das estruturas, podemos afirmar que Hanin faz um uso tático das tecnologias digitais ao produzir um conteúdo destinado a transformar e desmistificar a ideia da religião Islã.

As interlocutoras relatam que nunca sofreram bloqueios em suas redes sociais digitais, mas estão cientes dos interesses do Instagram em derrubar conteúdos relacionados à Palestina, pois já viram acontecer com influenciadoras árabes. Apesar de Sabah e Amanda fazerem usos mais reproduzidos das tecnologias digitais, Sabah relatou um caso de bloqueio de sua linha telefônica pelo exército israelense enquanto estava a passeio na Palestina. O fato ocorreu após Sabah falar o nome de uma comida apimentada que significava fuzil em árabe.

Ainda pretendemos realizar ao menos mais oito entrevistas. Entretanto, já conseguimos apontar alguns indícios de como incorporar a questão da interseccionalidade é fundamental para a compreensão da complexidade dos grupos sociais. A classe social parece uma demanda importante de ser problematizada. Como apontou Hanin, sua posição privilegiada a protege de diversos enfrentamentos que mulheres muçulmanas com condições sociais menos favorecidas enfrentam. Outros fatores parecem ser importantes de serem esmiuçados, o uso ou não do *hijabe*, a religião, a idade, além da condição social, como já explicitado.

Considerações finais

A interseccionalidade, enquanto campo teórico e de prática, tem sido incorporada em pesquisas de diversas áreas de conhecimento, a fim de construir estudos que contribuam para uma sociedade mais igualitária e justa. Na área da Comunicação, o olhar interseccional pode ajudar a compreender como as formas de poder são criadas e perpetuadas nos usos e apropriações das tecnologias digitais e nas mídias. Considerar as interseccionalidades para pensar aspectos teóricos e metodológicos nas pesquisas em Comunicação tem se mostrado de grande relevância para as análises. Além de complexificar a discussão sobre os ambientes online, abrem caminhos para um olhar mais responsável sobre as representações de grupos minoritários que costumam ser excluídos das mídias e silenciados nas tecnologias digitais.

No caso das pesquisas com brasileiras e palestinas, a interseccionalidade abre caminhos para pensar na complexidade dos marcadores sociais da

diferença. Apesar de parecerem estar no mesmo grupo social e possuírem aspectos compartilhados com relação aos usos das tecnologias, cada pesquisa demanda observar diferentes marcadores identitários que se atravessam na especificidade de cada trabalho. Na primeira, se sobressaem questões de condição de cidadania, raça e orientação sexual. Na segunda, além das unidades já citadas, se destacam questões religiosas, nacionais, étnicas e culturais.

Pensar em diferentes categorias interseccionais significa ampliar a discussão, trazendo interlocutoras que se encontram em diferentes contextos. A pluralidade de experiências ajuda a pintar um cenário mais diverso, que não fique focado apenas em um determinado grupo de mulheres.

Por fim, ambas as pesquisas trazidas no artigo colocam em foco os processos migratórios femininos e a questão interseccional. Ampliar esse eixo na área da Comunicação tem sido uma demanda frequente e necessária, capaz de contribuir para um olhar mais crítico do campo e a construção de políticas públicas responsáveis com a questão das migrações. Esperamos, com a conclusão das pesquisas, evidenciar a centralidade do fenômeno interseccional para a compreensão das migrações femininas contemporâneas.

Bibliografia

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Editora Jandaíra: São Paulo. 2019.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AOURAGH, Miriyam. **Palestine Online: Transnationalism, the Internet and the Construction of Identity**. I.B.Tauris & Co Ltd, London – New York, 2011.
- ÁVILA, Otávio Cezarini. A polidez do “hóspede” como ethos do influenciador migrante. **Revista Extraprensa**, 15(2), 188-207. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/200018>. Acesso em março de 2023.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Gênero, raça, classe**: opressões cruzadas e convergências na reprodução de desigualdades. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, 20 (2), 2015.
- CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: Proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 24, jan–dez, 2021, p. 1–22. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em setembro de 2022.
- _____, Fernanda; FERNANDES, Pablo Moreno; VIEIRA, Eloy Santos; SOUSA, Leila Lima de Sousa. Interseccionalidade e plataformas digitais: dimensões teórico-metodológicas de pesquisas em Comunicação. **Fronteiras**, v. 24 n. 1 (2022): Janeiro/Abril.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1998.

- COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. **Intercom**, São Paulo, v.40, n.1, p.177-193, jan/abr. 2017.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em agosto de 2022.
- ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. **Webdiáspora.br: migrações, TICs e identidades transnacionais**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
- HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage Papers, 2000.
- _____. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Bloomsbury Publishing Plc: London, UK, New York, USA, 2015.
- _____. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol. 29, n.2 | p.1-42 | USP 2020.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1 Junho 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- _____. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação.
- Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018a.
- _____. Dos meios às mediações: 3 introduções. **Matrizes**, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018b.
- MULLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hvRpRs4snhb8MSbGy/?lang=pt>. Acesso em maio de 2022.
- NOBLE, Safiya Umoja; TYNES, Brendesha (org.). **The Intersectional Internet: Race, Sex, Class, and Culture Online**. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2016.
- PARELLA, Sònia; REYES, Liliana. Identidades interseccionales: mujeres migrantes poblanas con estatus migratorio indocumentado en Nueva York. In TORRALBO, Herminia González; MATOS, Dhayana Carolina Fernández; MARTÍNEZ, María Nohemí González;
- GIL, Carmen de Gregorio et al. **Migración con ojos de mujer: una mirada interseccional**. Barranquilla: Ediciones Universidad Simón Bolívar, 2019.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274.
- PLUMMER, K. **Documents of life 2 An invitation to a critical humanism**. London: Sage Publications, 2001.
- ROSAS, C. Discusiones, voces y silencios em torno a las migraciones de mujeres y varones latinoamericanos. Notas para uma agenda analítica y política. **Anuario Americanista Europeu**. n.11, p.127-148, 2013.
- SASSEN, S. Formación de los condicionantes económicos para las migraciones internacionales. Ecuador. **Debate**. n.63, p.63-87, 2004.
- VAN DIJCK, José. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. **Matrizes**, São Paulo, vol. 11, núm. 1, jan.-abril, 2017, pp. 39- 59.

Recebido em: 08-03-2023

Aceito em: 17-05-2023